

CALÍOPE

Presença Clássica



2025.1

Ano XLII . Número 49

CALÍOPE

Presença Clássica

Apresentação

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Roberto de Andrade Medronho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANO Afranio Gonçalves Barbosa

FACULDADE DE LETRAS DIRETORA
Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Fábio Frohwein de Salles Moniz
VICE-COORDENADOR Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Eduardo da Silva de Freitas
SUBSTITUTO EVENTUAL Renan Moreira Junqueira

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basilio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universität Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UnB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrié (EHESS)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martin Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autónoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Sarcófago. Estrigilado com orante masculino sobre o tema do rapto de
Prosérpina, séc. III (Basílica de Sant Feliu, Girona). Foto: Rainer
Guggenberger

EDITORAÇÃO E PROJETO GRÁFICO
María Paula Rozo

REVISORES DO NÚMERO 49
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger | Leonardo Vichi

Apresentação

Carlos Eduardo da Costa
Campos

Luis Filipe Bantim de
Assumpção

DOI 10.17074/cpc.v1i49.71957

Os estudos sobre o Mediterrâneo Antigo continuam a atrair o interesse de um público amplo. Esse interesse se deve, sobretudo, à sua alteridade, que possibilita a construção de percepções singulares acerca das múltiplas culturas que se articularam nas imediações desse espaço situado entre os atuais continentes europeu, africano e asiático.

Com o amadurecimento dos Estudos Clássicos — que atravessam a História, as Letras, a Antropologia, a Arqueologia, entre outras áreas do conhecimento, observa-se que concepções antes “cristalizadas” sobre o Mundo Antigo Mediterrânico vêm sendo progressivamente revistas e problematizadas nas últimas décadas, evidenciando a vitalidade e a atualidade das pesquisas dedicadas à Antiguidade.

Nesse contexto, as abordagens globais e em rede, os estudos de recepção e os esforços voltados à construção de uma História Pública reforçam que ainda há muito a discutir e a pensar sobre a História Antiga, uma vez que ela segue sendo mobilizada para legitimar escolhas e posicionamentos no presente, frequentemente amparados em uma ideia de “tradição” que busca justificar atitudes e discursos contemporâneos.

Sendo assim, o presente dossiê da revista *Calíope: Presença Clássica* reforça o nosso compromisso acadêmico em pensar novos horizontes para a História Antiga, mas convergindo com o cenário político-social da contemporaneidade, sobretudo através do uso de discursos e representações políticas. Os esforços dos pesquisadores-professores que compõem este volume demarcam que a Antiguidade está em voga e precisa ser problematizada, em função das variáveis do contexto histórico em que nos encontramos. Logo, este volume se constitui em nove artigos e uma tradução, cujo objetivo é demonstrar como a História Antiga está próxima das demandas de nossa sociedade, não pelas temáticas mobilizadas, e sim pela maneira como lidamos com as temáticas aqui elencadas.

Assim, no texto "Cruzar la primera frontera: las prácticas lingüísticas de la alteridad en *Germania* de Tácito", Nicolás Russo se propõe a identificar os elementos sociolinguísticos da cultura germânica como um aspecto da sua alteridade étnica. Assim, a língua se torna uma barreira entre germânicos e romanos, porém, passível de ser transposta e que identifica a alteridade a partir do interior da cultura romana, ou seja, é a partir do outro que os romanos identificam a si próprios. Já o artigo "Amazonas no imaginário helênico: transformações e representações nos séc. VI e V A.E.C.", de Thiago de Almeida Lourenço Cardoso Pires e Matheus Moraes Maluf, analisa as representações literárias e imagéticas das amazonas no imaginário helênico. Dessa maneira, os autores enfatizam que o contexto histórico das Guerras Greco-pérsicas fez com que as imagens das amazonas se aproximassem, sobremaneira, do Oriente, reforçando a dicotomia entre gregos e não gregos, bem como o medo do feminino que encarnava diversas manifestações discursivas helênicas.

Em "A necromancia na Grécia antiga", Lennyse Teixeira Bandeira aponta como a mudança de pensamento dos gregos, já no período Arcaico, para com a morte e os medos atrelados aquilo que ela poderia acarretar, fez com que as pessoas buscassem respostas de certas demandas cotidianas por meio da necromancia. Com isso, buscava-se o conhecimento dos mortos, ou seja, de como apaziguá-los ou evocá-los, tornando a necromancia uma das principais ferramentas da população para lidar com o pós-morte ou uma forma como os mortos poderiam influenciar os vivos.

Por sua vez, Luis Filipe Bantim de Assumpção, em "Agésilau II e o sagrado como mecanismo de poder político, na Esparta do séc. IV a.C.", discute a representação do *basileús* Agésilau II em Xenofonte que, em virtude de seu contexto social e formação, edificou uma imagem elogiosa dos feitos do governante espartano. Nesse sentido, as ações de Agésilau foram tomadas como piedosas, devidamente comprometidas com os desígnios

divinos, cujo resultado era o sucesso de seus empreendimentos político-militares. Entretanto, ao se considerar a trajetória de vida de Xenofonte, Assumpção destaca que essa imagem de Agesilau II era um mecanismo de crítica político-social que o autor da obra havia desenvolvido para denunciar os excessos de diversas *póleis*.

Em "O uso das fontes: a estatuária romana e a construção visual do poder", Milena Rosa de Araújo Ogawa analisa a importância da cultura visual para a sociedade romana como instrumento de poder político. Para tanto, a autora discute a sua relevância no séc. IV d.C. e como esses artefatos foram articulados no decorrer do tempo, evidenciando os elementos técnicos na sua produção, como as matérias-primas e os seus métodos de fabricação, os quais devem ser analisados em seu conjunto para entendermos como a estatuária desempenhou um papel de grande relevância na legitimação do poder das elites imperiais.

No artigo "Poéticas e interfaces da geografia na Antiguidade Clássica", Giovanna Andreão discute como as descrições geográficas da Antiguidade Clássica mediterrânica eram permeadas de elementos imaginários, munidos de narrativas fantásticas que compunham a mitologia antiga, sendo essa parte da tradição cultural dos povos que habitavam as imediações do Mar Mediterrâneo. Para tanto, os discursos de autores como Hecateu, Heródoto, Estrabão e Ptolomeu foram contrastados pelo viés teórico da contemporaneidade, tais como Cosgrove, Detienne e Vernant, Hartog, Todorov, entre outros, visando a depreender os pressupostos epistemológicos, simbólicos e estéticos atrelados às representações cartográficas da Antiguidade Clássica e na maneira como estas edificaram uma cosmologia ético-política da realidade.

Felipe Montanares-Piña, em "Enfoques sobre Dión de Prusa y la Segunda Sofística: Cuestiones historiográficas y metodológicas", aponta para as tensões historiográficas e interpretativas acerca da Segunda Sofística, tendo como enfoque a

percepção de Dión de Prusa enquanto agente no interior de um Império Romano que convive com a hegemonia cultural helênica em seus domínios. Diante de discussões históricas e literárias contemporâneas, o autor se utiliza de Dión de Prusa como um marco para fundamentar a sua exposição, demonstrando que a sua formação intelectual, o seu relacionamento com o poder imperial e a sua representação como um sujeito que mobiliza o passado clássico e a reflexão filosófica para interagir com o presente acabam encarnando e desafiando as categorias filosóficas inerentes à Segunda Sofística.

Em "Marcus Gavius Apicius e a obra *De re coquinaria*: desafios sobre o contexto histórico-literário", Adriano Fagherazzi e Carlos Eduardo da Costa Campos discutem a identidade de Marcus Gavius Apicius, visando a autoria do livro *De re coquinaria*. Os autores comentam as referências a Apício em Tácito, Plínio, o Velho, Tertuliano, Dião Cássio e Ateneu, os quais teceram comentários que levaram a percepções distintas da identidade desse gastrônomo romano. Assim, temos os esforços de uma contextualização de Apício, como parte da sociedade romana, de modo que as imagens elaboradas pela literatura fossem devidamente contrastadas pela sua posição social como equestre, no interior da Roma Imperial.

Em "Quem a vê, ri: Lâmia, o caso do primeiro *lékythos* do Pintor da Megera e o teatro ateniense", Leandro Barbosa aborda como as representações de Lâmia serviam aos interesses do riso, junto ao teatro ateniense do séc. V a.C. Essa abordagem, segundo o autor, mostra-se uma ruptura das análises tradicionais sobre os monstros na literatura helênica.

Por fim, na tradução do artigo "'Ritos' e 'Religião': observações sobre alguns preconceitos dos historiadores da religião dos gregos e dos romanos", da autoria de Jean-Louis Durand e John Scheid, Fabio Antonio da Costa e Yuri Hensel Fonseca Maia enfatizam que a proposta do texto original era discutir sobre os *tópoi* relacionado à an-

tiga religião romana. A ideia é demonstrar que a forma como interpretamos a antiga religião romana está permeada de preconceitos inerentes ao cristianismo monoteísta, o que dificulta entendermos a especificidade do que foi a relação dos romanos com o seu sagrado, sem a presença do cristianismo. Esse cenário reforça a necessidade de aprofundarmos os estudos da historiografia das religiões grega e romana, superando os manuais universitários e o seu generalismo característico.